

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
50 ANOS DE ABRIL: QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA? – COMUNIDADE  
18 de Março de 2024

## NORMAL LOVE / 1963

*um filme de* JACK SMITH

Realização, Argumento, Guarda-Roupa: Jack Smith / Banda Sonora: Tony Conrad / Interpretação: Mario Montez (René Rivera), Diana Baccus, David Sachs, Angus MacLise, Francis Francine, Beverly Grant, Andy Warhol, Tony Conrad.

Produção: Jack Smith (Estados Unidos da América) / Cópia: em 16mm, cor, som (ficheiro em separado), sem diálogos / Duração: 110 minutos / Primeira Apresentação Pública: 1964 / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

---

AVISO: O filme será mostrado com cerca de um minuto a negro que corresponde a um intervalo entre as suas bobines.

---

Rodado no Verão e no Outono de 1963 em 16mm, **Normal Love** sucede ao polémico **Flaming Creatures**, realizado por Jack Smith cerca de um ano antes. **Normal Love** conheceu inúmeras versões pois, desde 1964, foi exibido sob diversos títulos e configurações, sendo que Smith incluiu ainda excertos de **Normal Love** noutros dos seus filmes e performances, prosseguindo o trabalho que realizava no contexto do que de mais alternativo se fazia na chamada vanguarda nova-iorquina. Conhecido anteriormente como **Normal Sex**, **The Great Moldy Triumph**, **The Great Pasty Triumph**, **The Pink and Green Film**, **The Pink and Green Horrors**, **The Drug Film**, vários destes nomes fazem alusão a sequências específicas de **Normal Love**, muitas vezes mostradas isoladamente. Nesse sentido, **Normal Love** acabou por ter de ser reconstituído após a morte de Smith, dando lugar ao filme com cerca de duas horas, que agora mostramos pela primeira vez na Cinemateca.

A sua cristalização sob o título “Normal Love”, num contraste notório com o título de **Flaming Creatures**, revela o prolongamento de uma vontade extrema de provocação. Depois das proibições e cancelamentos associados a esse filme, considerado pela censura norte-americana como demasiado explícito e obsceno, um título e um filme como **Normal Love** são tudo menos inocentes, pois não há nada da “suposta normalidade” num objecto que convoca o mesmo tipo de personagens – drag queens, travestis e outros corpos ambíguos –, bem como o sexo, as drogas ou o prazer desses mesmos corpos. São as mesmas “criaturas flamejantes” que revelam claramente uma paródia da normalidade e uma sensibilidade *queer* associada a mais uma produção de baixo orçamento, mas **Normal Love** não só tem mais recursos, como é um pouco mais contido que **Flaming Creatures**. Por outro lado, como em **Flaming Creatures**, a banda sonora coube ao artista, compositor e músico, Tony Conrad, que partilhava casa com Smith, o que em **Normal Love** corresponde a duas horas de uma muito curiosa mistura musical, das sonoridades orientais à música popular, que na realidade correspondem aos discos de Conrad, que

ambos os criadores ouviam horas a fio. Em **Normal Love** a banda sonora corre paralelamente à imagem, num filme que dispensa a totalidade dos diálogos.

Não narrativo, Smith terá dividido **Normal Love** em seis sequências, que temos alguma dificuldade em identificar. O *cast* é composto pelos seus amigos e actores habituais: Mario Montez (René Rivera), drag queen com uma ligação óbvia à actriz Maria Montez, uma das fixações de Smith, mas também Diana Baccus, Francis Francine ou o já referido Tony Conrad. A película a cores (**Flaming Creatures** era a preto e branco) terá sido arranjada por Jonas Mekas e Smith terá trabalhado longamente no guarda-roupa e nos “quadros vivos” que encena. Investindo em tons esverdeados e rosados, como base do esquema cromático do filme, Smith trabalhou ainda com referência a um universo barroco, que lhe era particularmente caro. Percebemo-lo claramente nalgumas sequências filmadas no seio da natureza, na composição de quadros em que se misturam motivos florais e a exploração as texturas, na sua relação com corpos em pose ou em movimento, que se fundem com a vegetação. Fungos, bolores ou folhas desfocadas unem-se numa grande “dança” de corpos em grande parte desfocada, o que por sua vez confere um tom etéreo ao filme, acentuado pelo uso de fumos.

Uma “mulher-cobra” dança com uma cobra, uma tarântula insinua-se no início e no final do filme, conferindo mais mistério à amálgama de corpos festivos em movimento, ou deitados no chão de um cais de madeira a relaxar. Um filme que ora acelera, ora desacelera (há mesmo momentos em câmara lenta), e que entre “encenadas orgias” e momentos devotados à contemplação dos corpos, convida a um certo torpor. E, como já foi dito, para lá da sua multiplicidade intrínseca, **Normal Love** coexiste hoje em várias versões, o que não só faz jus ao trabalho de Smith, que incessantemente retrabalhou as suas obras no sentido de uma metamorfose permanente, mesmo durante o decorrer das projecções, como corresponde à sua maneira de estar no mundo.

Amigo próximo de Jack Smith, um dos primeiros filmes de Andy Warhol foi curiosamente **Jack Smith Filming "Normal Love"**. Projectado numa mostra conjunta com **Flaming Creatures**, a apreensão deste pela polícia em plena sessão pública, levou também ao confisco do filme de Warhol, que terá desaparecido. Numa entrevista a Gerard Malanga, que também fazia parte de tal comunidade artística nova-iorquina, quando este perguntou a Smith se ele achava que alguma vez o público iria perceber os seus filmes, Smith respondeu: “O objectivo não é entender, trata-se antes de um apelo ao movimento e ao gesto”. Warhol diria o mesmo a propósito deste cinema do artifício dirigido ao desejo e à sensação.

Joana Ascensão